

**ΦΣΤΡΑΪΑ**

**ATRÁS**<sup>18</sup>  
das letras

## **OSTRÁCIA**

2ª edição janeiro 2025

© Teresa Moure

© 2015 AGAL

Associação Galega da Língua  
Santiago de Compostela (Galiza)

editora@agal-gz.org

www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-16545-97-1

Depósito legal: C 1956-2024

Coordenação: Xemma Fernández

Revisão textual: Fernando Corredoira e Marta Macias

Revisão da segunda edição: Olívia Pena

Capas: Ricardo Cabanelas

Diagramação: Xemma Fernández

Diagramação da 2ª edição: Miguel Durão

Imprime: Sacauntos Cooperativa Gráfica

Este livro está escrito numa variedade galega do português

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

*“Para quem acreditar na Revolução.  
Para quem morar em Ostrácia.  
Para Igor Lugris.”*

Nota:

*Ostrácia* admite diferentes tipos de leitura. Quem se interessar unicamente pela relação entre Lenine e Inessa Armand pode prescindir da primeira parte, *A persuasão*, onde se introduz uma história alternativa, apenas resgatando o capítulo 2 dessa primeira parte para continuar no 17, e abordar assim as partes segunda e terceira (*A hegemonia e A revolução*). Nessa versão reduzida, *Ostrácia* é um relato histórico sobre os amores Lenine-Armand, documentado e rigoroso mas também literário, quer dizer, inventado. Na versão extensa, no entanto, *Ostrácia* debruça-se sobre o papel das aranhas e dos lobos nuns tempos politicamente convulsos e o relato flui, independentemente destas personagens históricas, tentando expressar por que a entrega absoluta do Amor, hoje tão desprezada, é o próprio cerne da atividade Política, essa com que se pode derrubar o que realmente há para traçar uma figura redonda e perfeita, um Mundo Novo.

# ÍNDICE

## A persuasão

Persuadir, convencer, seduzir é o primeiro dever militante. O tema escolhe a escritora. Porém, ela tem as suas feridas: resiste-lhe. Falam as personagens marginais da história. Persuadem-se e persuadem-na.

1. Sobre nós, as aranhas (19)
2. Os solicitados (e negados) beijos de Lenine (23)
3. Escrever sobre mulheres rebeldes (29)
4. O encontro com Alexandra Kollontai (31)
5. As teorias conspirativas de Yákov Blomas (39)
6. Só Nádia Krupskaja pode escrever a história autêntica (46)
7. Dos *Cadernos apócrifos* de Inessa Armand, poema 1 (50)
8. As aranhas são caçadoras noturnas (50)
9. Alexandra Kollontai mais uma vez (52)
10. Dos *Cadernos apócrifos* de Inessa Armand, poema 2 (59)
11. Apontamentos de Várvara para a sua *Biografia de Inessa Armand* (60)
12. Não quero escrever sobre Inessa Armand! (61)
13. *Entrevistas para o esclarecimento da figura da minha mãe*, de Várvara Armand, extrato 21, relatório anónimo (62)
14. Dos *Cadernos apócrifos* de Inessa Armand, poema 3 (68)
15. Cartografias do consolo (69)
16. *Entrevistas para o esclarecimento da figura da minha mãe*, de Várvara Armand, extrato 37, relatório de Elena Vlasova (71)

## A hegemonia

A verdadeira história da relação entre Lenine e Inessa Armand, aproximadamente, quer dizer, a história conforme as personagens gostariam de que fosse contada.

17. Ostrácia é um desterro (77)
18. O lobo ártico (78)
19. Gaston, o proprietário do Café des Manilleurs (84)
20. A triste estação da morte (87)
21. Fotografia na praia (93)
22. Para sempre já, “a amante de Lenine” (99)
23. A licenciada (104)
24. Os olhos de Lenine (109)
25. Dos *Cadernos apócrifos* de Inessa Armand, poema 4 (115)
26. O verão em Longjumeau (115)
27. Dos *Cadernos apócrifos* de Inessa Armand, poema 5 (121)
28. Um banho inocente (122)
29. Inessa não pode dormir (131)
30. As premonições na erótica bolchevique (134)
31. O que importa é a revolução! (139)
32. A revolução é matemática (141)
33. Os trabalhos sujos (146)
34. Acossada, detida e libertada (151)
35. As verdades científicas da História (155)
36. A importância do gênero epistolar (162)
37. Inessa Armand enfrenta o Socialismo em nome de Lenine (167)
38. Dos *Cadernos apócrifos* de Inessa Armand, poema 6 (177)
39. Não me apagues! (178)

## A revolução

Os famosos horrores da revolução focados doutra perspetiva, visto que não se faz tão longo percurso para depois deixar-se amedrontar.

40. Do *Livro da aranha*. Performance titulada “Empapo-me” (183)
41. O amor livre segundo Inessa Armand (183)
42. Do *Livro da aranha*. Performance titulada “Como tecer um sólido *bondage*” (190)
43. Ostrácia é um tempo para pensar (190)
44. Do *Livro da aranha*. Performance titulada “Política e erótica vão de mãos dadas” (197)
45. O amor livre: refutações de V. I. a Alexandra Kollontai e Clara Zetkin (202)
46. Dos *Cadernos apócrifos* de Inessa Armand, poema 7 (213)
47. História vs. Literatura (214)
48. Carta de Inessa às filhas para esclarecer o que Amor realmente é (219)
49. O ostrácico ano do desamor (223)
50. Do *Livro da aranha*. Performance: “Sobre o Eros alado de Alexandra Kollontai” (228)
51. Lenine pergunta: Ainda és minha? (230)
52. Do *Livro da aranha*. Performance: “O que se faz com a corda do *bondage* após a derrota? ou As aranhas somos todas bolcheviques” (235)
53. Sempre que Vladimir Ilich disser “vem”... (241)
54. Dos *Cadernos apócrifos* de Inessa Armand, poema 8 (245)
55. Ab-so-lu-ta-men-te (245)
56. Dos trabalhos e dos dias na revolução (252)
57. A ostrácica solidão do poder (254)
58. Dos *Cadernos apócrifos* de Inessa Armand, poema 9 (259)

## Um mundo novo

Ou a demonstração, científica e rigorosa, dum ponto de vista histórico e dialético, de que Amor é o assunto menos livre que existe.

59. A camarada Inessa Armand empreende a viagem (261)
60. Dos *Cadernos apócrifos* de Inessa Armand, poema 10 (266)
61. A mulher que fez Lenine chorar (266)
62. A grande pergunta de Inessa (269)
63. Os últimos dias de Vladimir Ilich (271)
64. Da correspondência íntegra de Vladimir Ilich, 1924 (274)
65. A decisão de Várvara (275)
66. Mas quando o amor foi livre? (280)
67. Sobre pactos e outras negociações políticas ou de como as palavras devem ser controladas (285)
68. Do *Livro da aranha*. Performance: “Da fauna doméstica menos visível e a sua teimosia” (291)
69. Dos *Cadernos apócrifos* de Inessa Armand, poema 11. (293)
70. Multiplicando-se (293)
71. E não poder deixar de pensar em ti? (295)
72. Eu, Inessa Armand, declaro... (300)
73. Apêndice: As margens, o território para a liberdade e para a dissidência [Fala a crítica] (302)

## Posfácio (305)



## A PERSUASÃO

### 1

A última vez que nos deitámos, no momento mesmo em que ele me penetrava, percebi por fim no seu olhar o quanto me odiava. Estava em cima de mim, com os olhos orientados para a minha boca, a evitar os meus. Ainda presumindo que não gostava muito dessa posição, a convencional do missionário, eu insistira em pedir-lha. Sempre adorei levantar as pernas; não só para o amor. As minhas amizades sabem que habitualmente faço as posturas complicadas do yoga –a vela, que consiste em manter-se tesa como um pau de pernas para o ar, e o arado, numa flexão forte por cima do pescoço que deixa o corpo em arco– sempre que as circunstâncias permitem. Faço-as na praia ou na relva como uma exibição de flexibilidade. A flexibilidade é a minha fortaleza. Na política e na cama. Ainda que poderia ter acedido, não estava atada. Contudo, mantinha voluntariamente as mãos por cima da cabeça, tal como ele me tinha indicado que devia fazer: sem lhe alterar a estabilidade. Esticada de mãos e pés, o corpo é matéria entregue. Ao prazer. A ele. Porém, enquanto puxava ritmicamente, com esse sentido da melodia que me faz estremecer, foi colocando-se sobre um costado e foi-me virando com ele, ainda que se mantinha ligeiramente separado de mim. Observava-me atento. Mal abria eu os olhos –quando podia– para advertir nos seus a indiferença dum cientista que atendesse o comportamento duma criatura na cama.

As biografias de Espinoza insistem em que o filósofo gostava de observar, nas horas de descanso do seu trabalho de polidor de lentes, como se comportavam as aranhas. Atirava uma mosca para alguma aranha num canto do seu quarto e estudava os movimentos da vítima e da depredadora. Essa cena brutal, onde as personagens jogavam tudo, causava no filósofo um riso descreído. Poderia chamá-lo, a ele, nestas páginas Espinoza, embora o seu pessimismo radical, livre dos significados firmes e imutá-

veis que adoro, fosse mais do estilo de Schopenhauer. Sim, prefiro Schopenhauer como nome possível. Schopenhauer, Schope, Sch na versão mais breve, quase uma onomatopeia que transmite eloquentemente a clandestinidade da nossa relação, tão incompreensível para o mundo como para nós. Sch, o silêncio. Sc, ou simplesmente S., ele. A paixão que me aprisionara tanto tempo num desassossego inexplicável arriscava o futuro naquele jogo, como nas lutas entre moscas e aranhas. Podia ter chegado a termo. Ou podia evoluir e converter-se em algo diferente. O único que não cabia era a continuidade; via-se nesse seu olhar que decididamente me furtava. Porque eu tinha a vontade anulada: não era quem decidia. Eu, que parecia o espetáculo, era na realidade a espetadora. Ele, que parecia o observador, tinha o regulamento nas mãos. Nem cabia a possibilidade de existir um nós, visto que ele governava. Falou:

– Pergunto-me que é o que pode dar-te tanto prazer.

Respondi algo, falso como quase tudo o que digo quando me sinto atacada. Calei a verdade, porque com ele pratico um desporto em que não sou hábil: o silêncio defensivo. Continuou durante muitos minutos ainda, puxando com esse ritmo de maré; um observador que abana cansativo um leque para avivar o lume da lareira, assim de entregue estava. Os meus orgasmos às vezes envergonham-me. Não é fácil de contar. Ninguém no seu perfeito juízo preferiria ser frígida, é claro. Porém, naquele momento gostaria que não fossem tão notórios, tão intensos e, sobretudo, tantos. Gostaria poder dizer “não!”: erguer-me bem digna e ir-me embora por ter recebido uma pergunta que transparecia a sua displicência. Porém, eu era apenas uma aranha envergonhada pelo estudioso S., que se encontrava demasiado excitada. Excessivamente aranha.

– Basta ver-te para intuir que deves de ser muito promíscua.

Nem uma palavra saiu da minha boca. Só me deito com ele, mas não presumo de fidelidade; simplesmente sou obsessiva. A intimidade é mais forte assim, com uma entrega total, e adoro todas as formas da intensidade; a intimidade em particular. Estava a castigar-me porque sabia que me doem os diz-que-diz que acom-

panham a vida das mulheres, ainda sabendo que não deveriam importar-me. Instalei-me naquele silêncio defensivo. Queixou-se então de ter bebido de mais aquela noite. Sorri. Se não bebesse, não estaríamos ali. Lembrei-me das minhas leituras dos últimos tempos que convidavam ao valor, à vontade de recriar-nos no que não se espera de nós, as boas mulheres. Porém, nasceu de mim, como sempre, a ternura. A ternura invade-me e aconselha reprimir-me; não vá pensar que preciso de algo diferente dele. Satisfaz-me ele. Absolutamente.

–Não tinhas de me ter feito beber tanto.

Tinha sido ele quem decidira o vinho, quem insistira em passar pelo Tarasca para o copo. E pelo Avante e por um par de locais mais, onde todos nos seguiam à medida que a noite se consumia, à medida que a noite anunciava o que haveria depois. Eu apenas beberei uma cerveja. Sempre sou comedida, calculadora, sóbria. O auto-controlo, a disciplina fazem parte natural de mim; libertam-me de toda a escravidão. Sou decididamente leninista. Por isso sempre limito com toda a moderação a comida e a bebida, como também me recuso categoricamente a experimentar qualquer tipo de substância proibida. Sempre levo o controlo; menos com ele. Aí joga tudo: as aranhas sabem reservar-se para a cama.

Pedi-lhe que se concentrasse nele próprio num momento em que a respiração me deixou recuperar-me. A respiração da nadadora é eficiente. A expiração deve duplicar em tempo à inspiração para evitar qualquer fadiga adicional e que o oxigénio chegue depressa aos músculos, tensos pelo trabalho. Esta vez estou fatigada. Ou se calhar é essa vergonha de não poder reprimir-me: ele não tem de se esforçar para eu entrar em plena ebulição; pode ofender-me e continuar à vontade o seu estudo sobre o comportamento erótico da aranha. De repente, vejo-me obrigada a celebrar o *carpe diem* com solvência: expludo e todo o meu controlo diário salta pelo ar. Noto que insiste em não concentrar-se nele. Será que resolveu não chegar ao orgasmo só para não me conceder tanta importância... Sou uma aranha que está a ser minuciosamente observada e, por isso mesmo, o ventre manda sobre o cérebro. Quando no clímax –o clímax número trinta ou assim– sinto essa

imensa vontade de chorar, não é por emotividade. O corpo não suporta mais. As lágrimas caem. E ele afasta-se para dizer:

– Choras agora? Estás como uma cabra!

Rio de mim: é fácil ser bem-humorada no depois. Ponho-me de meio lado, insinuante. Não quero mais e, contudo, preciso de que me veja bela, incitante, provocativa... As aranhas são animais controladores, fechados no seu próprio território, insociáveis, apesar das aparências. O observador que se aplicar a estudá-las verá que tecem uma rede para unir tudo, como ativistas de corpúsculos marxistas. É inútil tentar com elas a terna mensagem da democracia. Por muito que procurem apresentar-nos como seres repugnantes, como animais sanguinários que devoram moscas, somos fermosas. Construimos obras de arte efêmeras, as aranhas, transparentes e delicadas. Somos artistas da transparência e da disciplina. Não nos concerne o discurso da horizontalidade tão na moda: as aranhas não assistimos a assembleias. Não acreditamos no ruído. Sabemos que ser aranha é um destino, um fado, que nos torna depredadoras ou depredadas. É por isso que nunca foram vistas três ou quatro aranhas a partilharem um espaço; nem saberíamos como agir num triângulo. Cada uma tem a sua própria missão: a revolução depende de que cada aranha no seu recanto faça uma rede perfeita. Não nos permitimos erros. De pura perfeição, quando amamos, entregamo-nos ao orgasmo múltiplo, tão intensas e exageradas.

Como todas as revolucionárias, as aranhas não temos boa fama. Insistem em dizer de nós que somos caçadoras solitárias, condenadas a devorarmos o que chegar à teia, com exceção, se calhar, das próprias crias. Repetem que a biologia nos programou para traçar células de ação autónoma e convocar outras criaturas que ficam presas, com as patinhas tesas na pegajosa trama. Observadores rigorosos testemunham sem provas que no acasalamento a aranha se vê na obrigação de papar o que chegou à teia, para limpá-la, como parte do destino genético, sem sentimentalismos. Nada disso é certo. Apesar da nossa obstinação militante, não escolhemos. Somos escolhidas por algum animalucho, que se atreve a entrar no nosso território, previamente marcado: tecêramo-lo nós mesmas,

inconscientemente, segregando com paciência os fios. Amamos com profundidade esse que nos escolheu. Abraçamos, beijamos..., entregamo-nos. O problema é que esta aranha não contava com que também pudesse vir deitar-se com ela um cientista, com o único objetivo de aumentar o seu ego. Os cientistas fazem todas as atividades duma maneira fria, rigorosa, sistemática. Não é estranho que agora o meu observe e anote no seu caderninho quanto pode gozar uma aranha –dará um cálculo exato se não faço antes rebentar os aparelhos de medida– nem que se levante e feche cuidadosamente a porta do terraço: estará a verificar se a mudança da temperatura pode afetar o meu comportamento.

– Não feches! –Protesto com voz mimosa–. Vai muito calor.

– Por isso mesmo. Vais ver.

E nos minutos seguintes afogarei. Perderei seis patas para ficar com a vulgar silhueta duma mulher, eu que antes era pura matéria aracnídea. Afogarei sem dar-me conta, porque não entra já o luar no quarto repentinamente escurecido. Afogarei sentindo como me ocupa: carne escorregadia que sonha ser eterna. Não importa se me despreza: namoro.

2

Eis apenas um homem. Está no seu gabinete, a dar voltas com uns papéis na mão. Tendo em conta os princípios que rodeiam o cenário político onde se move, deveria ser descrito em termos económicos e históricos, como filho do Ilia Nikolaevich e da Maria Alexandrovna, da família Uliánov, que chega a ostentar um título nobiliário pela absoluta dedicação paterna a progredir socialmente subindo, passinho a passinho, na escala profusa de inspetores de escola. Considerando a questão de género, como gostaria a senhora Kollontai, talvez houvesse que lembrar que a desafogada situação económica dos progenitores permitiu a este homem dedicar-se aos seus projetos políticos, visto que a mãe, viúva, administrou a fazenda de maneira suficientemente engenhosa para

sustentar e dar estudos aos filhos e, num arrebatado de modernidade, também às filhas. E a determinação materna, a mesma que tem este homem que anda no seu gabinete a dar voltas, não se deteve, nem sequer quando os filhos, –e, ai!, também as filhas!–, começaram a mostrar atração por essas novas ideias; que se agrarismo, que se terrorismo, que se o maior é ajustado por tentar assassinar o czar, que se as meninas em vez de aproveitarem a oportunidade de ser universitárias dão em fazer parte de células revolucionárias. Que o objetivo duma mãe nesta vida é acompanhar os filhos, dar-lhes dinheiro, querê-los, dar-lhes dinheiro, perdoá-los, dar-lhes dinheiro, evitar que se desencaminhem e, se desencaminharem, arranjar dinheiro para subornar quem for preciso, que maternidade é ofício complicado. Ainda bem, portanto, que não é obrigatório descrever este homem segundo os princípios histórico-dialéticos e podemos tomar certas licenças, como a de descrever este que passeia pelo gabinete, hoje muito inquieto, como o animal que também é.

Então haverá que dizer que este homem tem uma boca sensual, de lábios carnosos e nariz arredondado, com as narinas um tanto dilatadas. Como ainda não ascendeu à posição de poder que a história lhe tem reservada, vai sem barba. O cabelo batendo em retirada e as olheiras falam eloquentemente dumas preocupações que provavelmente não o deixam dormir bem; a cor da pele denuncia dificuldades digestivas e escassa atividade sexual. Porém, o principal no seu rosto é um olhar perturbador, um olhar que atravessa toda inteira a pessoa que tem diante, uma olhar que traz a força doutro mundo, ainda que não saibamos bem onde é que está esse mundo, talvez no futuro que os seus olhos contemplam esperançados. Os inimigos, alá fora, hão de exagerar a sua determinação, esse traço materno, como rotunda e inapelável, e a sua violência, a contida e a não contida. Os inimigos internos, que também os tem, falam de que os seus olhinhos de mongol não se cansam de orientar-se para essa linda francesinha. Os de fora e os de dentro, com ideologias opostas, coincidem no entanto em assegurar que a francesa, para além de tê-lo enfeitado, dorme numa cama grande e mole que nunca está fria e aí riem todos a uma

voz, esquecendo as diferenças, que nunca houve acordo mais firme que o de criticar mulheres pela sua predisposição ao erotismo. Porém, ele não sabe disto. Porque ele não é um deus onisciente, mas apenas um homem que dá voltas no seu gabinete. Quem quer que o contemplasse através dum burauzinho praticado na parede, se não soubesse a personagem que ele é, destinado a produzir adesão ou repugnância máximas, veria alguém que é todo ele vontade. Isso, claro é, se não se atrever a mais, porque se for realmente ousada, a observadora afirmará que essa boca foi especificamente desenhada para a voluptuosidade. Lástima que ele não saiba.

O homem, que está a viver a sua única vida e, portanto, não é ainda História, mas carne humana que palpita, pegou na carta entre as mãos outra vez. Na solidão do gabinete é possível às vezes atender a correspondência própria com a mãe, com o irmão Dmitri, com Inessa... Esta mulher é inquietante! Quando está a trabalhar ajusta-se à disciplina de maneira pouco comum: tinha-lhe encomendado várias missões em diversos pontos da Europa e ela sempre se desempenhava bem, por complexo que fosse contactar alguém, por adversas que fossem as condições meteorológicas ou de viagem. Era uma mulher forte como um cavalo, que nunca se arredava. Porém, quando entrava em dança a questão sentimental, aí tornava-se vulnerável como uma criancinha. O homem sorriu com um ricto de tristeza na boca enquanto calibrava se poderia pensar-se que as mulheres eram todas assim, um pouco predispostas a exagerar os sentimentos, e para isso comparou mentalmente os comportamentos de Inessa e da sua esposa, Nádía Krupskaja, da mãe, das irmãs –Anna Ilínichna e Maria Ilínichna– e concluiu que, pelo menos as suas mulheres, as suas em particular, o certo é que não tinham nada em comum que permitisse estabelecer uma inferência razoavelmente válida.

Após o tempo passado na Galitzia, Inessa estava em Paris e era naquela cidade onde se conheceram que ela escrevia:

<<Tu e eu rompemos... Rompemos, meu querido! Eu sei, sinto-o: já nunca virás a Paris! Quando olho para os mesmos lugares de sempre, vejo com clareza, como nunca vi antes, que espaço

tão grande ocupavas na minha vida aqui, de maneira que quase todas as atividades estavam ligadas por mil fios a pensamentos relacionados contigo. Naquela altura não estava apaixonada por ti, com efeito, mas já então te queria muitíssimo. Agora poderia apanhar-me sem os beijos: só ver-te e falar contigo de vez em quando seria um prazer... e isso não poderia fazer mal a ninguém. Que razão é que poderia haver para me privar disso? Perguntas se estou enfadada por teres rompido comigo. Não, acho que não o fizeste só por ti. >>

Ele era um homem casado, fiel, comprometido com a Nádia. A Inessa, por muito encantadora criatura que fosse, não devia..., não podia aproximar-se dele com semelhantes objetivos, mais próprios dum romantismo decadente que da praxe real. Menos ainda poderia ser aceitado de modo nenhum que escrevesse essas cartas. O documento escrito fica fixado e sempre cairá em mãos inimigas. A Inessa tinha plena consciência desse perigo: o que se passara e o que não se passara entre eles seria reproduzido e agigantado. Mancharia a história.

E nem só isso. Quem faz a revolução tem de saber controlar-se, embora não fosse isso precisamente o que gostava de fazer a sua gente. Também não é que ele se preocupasse especialmente com o que fizessem nas suas vidas íntimas, desde que soubessem que tudo estava sujeito a uma causa superior. Taratuta e Andrikanis, dois bolcheviques autênticos, dos pés à cabeça, enganaram duas meninas para que casassem com eles quando o único que queriam era financiar com o seu dote a facção bolchevique. O homem que é todo ele vontade, que chama a si próprio Vádia quando está só, acompanha de gestos a sua reflexão. Todos em casa sabiam que, se não fizessem ruído antes de entrar pela porta do seu gabinete, era fácil surpreendê-lo e provocar nele um grito de alarme, como se estivesse noutra mundo e fosse obrigado a regressar abruptamente, tão potente era a sua vida interior. A sua fama de reflexivo não era, desta vez não, mais um rumor: Vladimir Ilich concentrava-se nos seus assuntos exatamente como o jogador frustrado de xadrez que era. Por isso, nesse instante, ao lembrar-se da falcatruada do